

## LOBATO, MONTEIRO

\*jornalista e escritor.

*José Bento Monteiro Lobato* nasceu em Taubaté (SP) no dia 18 de abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e de Olímpia Monteiro Lobato. Foi registrado como José Renato Monteiro Lobato, mas veio a adotar anos depois o prenome de seu pai, cujas iniciais estavam gravadas em uma bengala que recebeu de herança. A família de seu pai possuía grandes fazendas de café no vale do rio Paraíba, e seu avô materno, também rico proprietário de terras, era José Francisco Monteiro, barão e depois visconde de Tremembé. Fez o curso primário no Colégio Paulista de Taubaté e o ginásio no Colégio Coração de Jesus, também em sua cidade natal. Por essa época escreveu seus primeiros artigos, sob o pseudônimo de Josbém, para o jornal estudantil *O Guarani*. Transferindo-se para a capital paulista em 1896, concluiu os estudos preparatórios no Instituto de Ciências e Letras, onde se destacou por sua participação nos jornais *O Patriota* e *A Pátria* e nas sociedades literárias que promoviam debates sobre temas diversos.

Com o falecimento de seu pai em 1898 e de sua mãe no ano seguinte, passou a viver com o avô materno, que não concordou com seu desejo de ingressar na Escola de Belas-Artes, induzindo-o a matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Iniciou o curso superior em 1900, mas dedicou pouca atenção ao currículo escolar, participando com maior intensidade das atividades do grêmio literário. Ainda acadêmico, fundou junto com outros colegas a associação literária O Cenáculo, que teve grande importância em sua formação e se desdobrou na criação do jornal *O Minarete*, editado em Pindamonhangaba (SP) com a ajuda de um colega ali residente. Principal dinamizador dessa iniciativa, várias vezes chegou a escrever todas as matérias do jornal, utilizando diversos pseudônimos. Nesse mesmo período, colaborou no *Combatente*, editado na capital do estado, e no *Povo*, de Caçapava (SP).

Formado em 1904, regressou à cidade natal, onde viveu durante cerca de um ano e meio voltado para leituras e para a redação de artigos para o *Jornal de Taubaté*. Pretendendo casar-se, começou a trabalhar em 1906 como procurador público interino da cidade, sendo efetivado no ano seguinte na promotoria de Areias (SP). Casou-se em 1908 com Maria Pureza Natividade, com quem teria quatro filhos, e dedicou-se a escrever contos e artigos

para jornais do interior e a traduzir matérias do *Weekly Times* para *O Estado de S. Paulo*. Manteve também contatos sistemáticos com seus antigos amigos da faculdade, através dos quais recebia notícias dos eventos culturais mais importantes. Buscando alternativas para sair de Areias, começou a colaborar em 1909 em *A Tribuna*, de Santos (SP), e a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, mas essas atividades não eram suficientes para garantir o sustento de sua família. Nessa época, quase desistiu da literatura e do jornalismo.

### FAZENDEIRO, ESCRITOR E EDITOR

A morte de seu avô em 1911, entretanto, modificou substancialmente sua situação. Herdeiro da fazenda Buquira, situada em uma área agrícola decadente nas cercanias de Taubaté, Monteiro Lobato mudou-se para a propriedade e, com grande entusiasmo, procurou modernizar os métodos de produção e administração ali utilizados. Nos anos seguintes, embora empenhado nesse trabalho, não se afastou das atividades literárias, mantendo-se informado dos principais acontecimentos, dedicando-se à leitura dos clássicos e escrevendo artigos para jornais. Sua experiência como administrador, entretanto, fracassou, levando-o a pensar em vender a fazenda.

Em novembro de 1914, publicou em *O Estado de S. Paulo* um artigo intitulado “Velha praga”, onde descreveu suas principais dificuldades na gerência da produção rural e os problemas provocados pelos colonos, especialmente os incêndios. O artigo obteve grande repercussão, sendo desdobrado no mês seguinte por outro, intitulado “O caboclo e o urupê do pau podre que vegeta no sombrio da mata”. Pretendendo descrever os caboclos que trabalhavam em sua fazenda “sem romantismo, sem idealismo e com autenticidade”, criou o personagem Jeca Tatu, indolente, ignorante e preguiçoso, responsável pelo fracasso do fazendeiro.

Desanimado com as perspectivas da fazenda e, por outro lado, incentivado pelo crescente sucesso de seus artigos na imprensa, vendeu afinal sua propriedade em meados de 1917 e se transferiu para a capital paulista, onde continuou a escrever para *O Estado de S. Paulo*, a *Revista do Brasil* e outros órgãos. Preocupado em valorizar os temas especificamente brasileiros e a cultura nacional, promoveu no jornal paulista uma pesquisa sobre o Saci Pererê, que despertou muito interesse e resultou na publicação de um volume reunindo

dezenas de opiniões sobre esse personagem do folclore brasileiro.

Em 1918, adquiriu a *Revista do Brasil*, que havia sido criada dois anos antes para desenvolver a consciência nacional brasileira, pretendendo imprimir uma linha editorial mais marcadamente nacionalista e iniciar a criação de uma editora. Lançou seu primeiro livro em julho desse ano, reunindo artigos e contos já publicados, inclusive *Urupês*, que deu nome à coletânea. A primeira edição dessa obra se esgotou um mês depois do lançamento, suscitando acesos debates nos meios políticos e intelectuais sobre o perfil do Jeca Tatu, personagem do artigo-título. Estimulado pelas discussões e baseado nas denúncias dos higienistas sobre a situação sanitária da população rural, Lobato voltou a escrever sobre esse tema, reconhecendo grandes qualidades de resistência e adaptação na população rural e passando a atribuir a indolência do personagem às doenças de que era portador. Seus artigos em defesa de uma política de saneamento básico do interior do país foram reunidos em novo livro intitulado *Problema vital*, editado em fins de 1918 pela Sociedade Eugênica de São Paulo e pela Liga Pró-Saneamento do Brasil. A renda obtida com a vendagem desses dois primeiros livros permitiu a fundação, ainda em 1918, da Editora Monteiro Lobato, que passou a publicar e comercializar obras de autores estreantes, como Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia, Gilberto Amado e outros. Nesse período, Lobato praticamente interrompeu sua atividade literária, dedicando todo o seu tempo à condução dos negócios de sua empresa e à reedição de artigos antigos, reunidos nos livros *Cidades mortas*, *Idéias de Jeca Tatu* e *Onda verde*, todos de 1919.

Em 1921, lançou algumas histórias infantis inéditas, como *A menina do narizinho arrebitado*, que obteve enorme sucesso, alcançando uma vendagem de 50 mil exemplares. Escreveu em seguida *O Saci* (1921), *O marquês de Rabicó* (1922), *Fábulas* e *Jeca Tatuzinho*. Este último retomava a defesa do saneamento das áreas e foi adaptado pelo autor para servir de propaganda de remédios produzidos pelo Laboratório Fontoura.

Lobato criticou a realização da Semana de Arte Moderna de 1922, considerada por ele como “um estrangeirismo”. Em 1923, lançou *O macaco que se fez homem* e *O mundo da lua*, continuando a obter notável sucesso comercial para sua editora. Entretanto, a ocupação da capital paulista durante quase todo o mês de julho de 1924 por rebeldes chefiados pelo general Isidoro Dias Lopes acarretou uma paralisação de todas as atividades econômicas da cidade e abalou seriamente a editora. No início de 1925, Lobato tentou recuperar sua

empresa através de um novo programa de trabalho voltado para a renovação da literatura infantil, com novos lançamentos e o aprimoramento de antigas traduções. Mesmo assim, as dificuldades financeiras foram agravadas pela nova política econômica do governo de Artur Bernardes, que modificou o sistema de redesconto do Banco do Brasil, levando a editora à falência no fim do ano.

Com os poucos recursos que lhe restaram Lobato se associou a outros para fundar a Companhia Editora Nacional. Transferiu-se em seguida para o Rio de Janeiro, onde escreveu uma série de artigos para *O Jornal*, intitulada “Os diálogos com mister Stang”, e outra para *A Manhã*, chamada “O choque de raças”. Mais tarde, ambas as séries foram publicadas em forma de livro. Nessa época, influenciado por alguns amigos, inscreveu-se como candidato a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas foi derrotado.

#### A EXPERIÊNCIA NOS EUA E O INTERESSE PELO PETRÓLEO

Em 1927, logo depois da posse de Washington Luís na presidência da República (15/11/1926), Monteiro Lobato foi nomeado adido comercial do Brasil em Nova Iorque por influência de Alarico da Silveira, secretário da presidência, cargo equivalente ao atual chefe do Gabinete Civil.

Deslumbrado com o progresso dos Estados Unidos, Lobato passou a buscar os caminhos para transferir a experiência desse país para as condições brasileiras, concluindo que o desenvolvimento das indústrias do ferro e do petróleo era decisivo para o desenvolvimento econômico. Ao mesmo tempo, ordenou a venda de todas as suas ações da Companhia Editora Nacional para investir na Bolsa de Valores de Nova Iorque, cujas operações financeiras lhe pareciam extremamente rentáveis. Com a quebra da Bolsa em outubro de 1929, perdeu todo o seu capital.

Desanimado com os negócios, voltou a dedicar-se à literatura, escrevendo um livro de impressões sobre os Estados Unidos, intitulado *América*, e trabalhando na adaptação e elaboração de algumas histórias infantis. De volta ao Brasil no início de 1931, não acreditou que o governo provisório resultante da Revolução de 1930 fosse capaz de resolver os problemas fundamentais do país. Instalado em São Paulo, buscou, sem êxito, interessar o governo no problema siderúrgico e petrolífero, passando em seguida a buscar o apoio de empresários nacionais para seus projetos. Como resultado desse trabalho, fundou,

ainda em 1931, o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, voltado para a exploração do ferro, e a Companhia Petróleos do Brasil. Nesse período, denunciou pela imprensa o contrato assinado pelo governo com a Itabira Iron Ore Company, defendendo a utilização do sistema Smith na industrialização do ferro brasileiro, pois ele prescindia dos altos-fornos e, conseqüentemente, da importação de carvão. A reunião desses artigos deu origem à obra *Ferro*, publicada em 1931, em que revia algumas de suas opiniões anteriores e afirmava que “nosso problema não é político, nem racial, nem climático, mas pura e simplesmente econômico”.

No início de 1932, começou a concentrar sua atenção no incentivo aos investimentos privados na prospecção de petróleo, encontrando para isso grandes dificuldades, como a falta de recursos disponíveis para empreendimentos desse porte e as limitações impostas pelo governo. Estava envolvido nesse trabalho quando eclodiu a Revolução Constitucionalista de São Paulo em julho de 1932, mas manteve-se neutro nesse episódio por considerar que “quem adota a política do ferro e do petróleo não consegue interessar-se por nenhuma outra”.

As atividades de Monteiro Lobato como empresário não renderam lucro. Para sobreviver, dedicou-se em 1932 a fazer traduções e a escrever livros infantis, como *Viagem ao céu*, *História do mundo para crianças* e *As caçadas de Pedrinho*. No ano seguinte, prosseguiu na busca do petróleo, fundando novas companhias para iniciar a perfuração de poços. Em maio de 1934 a Companhia de Petróleo do Brasil — uma de suas empresas — emitiu ações para levantar fundos para o prosseguimento das pesquisas e da perfuração de um poço em Araguá, no município de São Pedro de Piracicaba (SP), mas sofreu um duro golpe com a divulgação de um estudo preparado pelo recém-criado Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), que concluía pela inexistência de petróleo no estado de São Paulo. Lobato reagiu com energia, acusando publicamente o órgão de falsificar os laudos geológicos com o objetivo de boicotar as pesquisas desenvolvidas pelas empresas nacionais e de defender os interesses dos grandes trustes estrangeiros que, segundo ele, desejavam manter inexploradas as reservas petrolíferas brasileiras.

Lobato sentiu-se mais uma vez prejudicado com a edição, em julho seguinte, do Código de Minas, que estabelecia novos critérios para a exploração das jazidas minerais e subordinava a operação das companhias privadas nesse setor ao DNPM. Segundo ele, essa

regulamentação defendia os interesses estrangeiros e, na prática, asfixiava as empresas nacionais. Viajou então por todo o país com o objetivo de denunciar a política oficial e obter recursos para suas empresas, mas não foi bem-sucedido. Em 1935, voltou a escrever regularmente e publicou *Geografia de dona Benta*, *História das invenções*, *Memórias de Emília* e *Contos leves e contos pesados*.

Reiniciando sua campanha de denúncias, em 1936 enviou uma carta ao ministro da Agricultura, Odilon Braga, em que acusava Mark Melamphy e Vítor Oppenheim, técnicos do DNPM, da venda de levantamentos do subsolo brasileiro a empresas estrangeiras. O presidente Getúlio Vargas instalou então uma comissão de inquérito, que concluiu pela inocência dos acusados. Pouco depois, Lobato publicou o livro *O escândalo do petróleo*.

Com a instalação do Estado Novo em novembro de 1937, Monteiro Lobato teve que interromper sua pregação pública em defesa da exploração do petróleo por empresas privadas nacionais, passando a dedicar-se novamente à literatura infantil. Datam desse período *Histórias de tia Nastácia*, *Os serões de dona Benta* e *O poço do visconde*, onde procurou divulgar também para as crianças suas teses fundamentais sobre a questão do petróleo. Em 1939, lançou *O Minotauro*, *Maravilhosas aventuras dos netos de dona Benta na Grécia antiga* e *O Pica-Pau Amarelo: o sítio de dona Benta, um mundo de verdade e mentira*.

Monteiro Lobato considerava que as diretrizes do Conselho Nacional do Petróleo (criado em julho de 1938) visavam a aniquilar as empresas privadas nacionais que operavam no setor. Impedido de manifestar essa opinião publicamente devido à censura do Estado Novo, enviou uma carta a Getúlio Vargas em maio de 1940, acusando aquele órgão, então presidido pelo general Júlio Caetano Horta Barbosa, de promover uma perseguição sistemática às empresas nacionais, criar embaraços à exploração do subsolo e alimentar secretamente a idéia do monopólio estatal no setor. Essa atitude resultou na sua prisão em março de 1941 e na condenação a seis meses em primeira instância, pena depois reduzida à metade. Ao recuperar a liberdade em julho seguinte, desanimado com a evolução do problema do petróleo, entrou em profunda depressão emocional. Para sobreviver, passou a dedicar-se a traduções, tendo escrito nesse período apenas *A chave do tamanho*, livro marcado pelo pessimismo em relação ao futuro. Recuperou-se em 1943 quando a Companhia Editora Nacional lançou uma edição comemorativa dos 25 anos de publicação

de *Urupês*, reunindo a maioria de suas crônicas, contos e artigos em um volume precedido de detalhada nota biográfica e bibliográfica. Abandonou então as traduções e, em 1944, empenhou-se em uma narrativa das aventuras de Hércules para as crianças e na preparação de um livro, depois intitulado *A barca de Gleyre*, reunindo sua correspondência com Godofredo Rangel durante 40 anos. Nessa época, participou da fundação da Editora Brasiliense, em São Paulo, junto com Artur Neiva e Caio Prado Júnior.

Com o enfraquecimento de Estado Novo, Monteiro Lobato se engajou na luta pela redemocratização do país e passou a criticar o próprio sistema capitalista, defendendo o socialismo e apontando o líder comunista Luís Carlos Prestes, preso desde 1936, como um grande brasileiro. Desapontou-se, entretanto, com o apoio dos comunistas a Vargas em 1945, passando a adotar uma postura de desconfiança em relação a todos os partidos. Depois da vitória do general Eurico Dutra nas eleições presidenciais de dezembro daquele ano, ficou completamente descrente das possibilidades de mudanças significativas na sociedade brasileira e viajou para a Argentina a fim de fazer adaptações de suas obras infantis para o espanhol. Fundou em Buenos Aires a Editora Acteon e lançou em seguida o livro *La nueva Argentina*, relato da história contemporânea desse país para crianças, muito elogiado pelas autoridades e bem aceito pela opinião pública local, mas criticado no Brasil como uma iniciativa oportunista para obter vantagens do governo argentino.

De volta ao Brasil em 1948, reaproximou-se do recém-proscrito Partido Comunista Brasileiro — então Partido Comunista do Brasil (PCB) — e se engajou na campanha contra a cassação dos mandatos dos seus parlamentares. Nessa ocasião, lançou o folheto *Zé Brasil*, descrevendo em linguagem simples a vida do homem do campo, explorado pelos latifundiários. Logo depois o folheto foi apreendido, obtendo assim grande repercussão.

Em 21 de abril de 1948, Monteiro Lobato sofreu um espasmo vascular que enfraqueceu sua capacidade mental, vindo a falecer na capital paulista em 4 de julho seguinte.

Além dos títulos citados, sua obra literária para adultos inclui *Negrinha* (1920), *O choque de raças ou o presidente negro* (1926), *Mister Slang e o Brasil* (1929), *América* (1932) e *Na antevéspera* (1933). Seus trabalhos para crianças sofreram inúmeras modificações durante sua vida, recebendo a seguinte configuração definitiva: *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao céu*, *O Saci*, *Caçadas de Pedrinho*, *Hans Staden*, *História do mundo para crianças*, *Memórias de Emília*, *Peter Pan*, *Emília no país da gramática*, *Aritmética da*

*Emília, Geografia de dona Benta, História das invenções, Dom Quixote para crianças, O poço do visconde, Histórias de tia Nastácia, O Pica-Pau Amarelo, A reforma da natureza, O Minotauro, A chave do tamanho, Fábulas e Os 12 trabalhos de Hércules.*

A seu respeito, foram publicados *Monteiro Lobato, o homem e a obra* (1948), de Aberto Conte; *Monteiro Lobato, vida e obra* (1955, 3ª ed., 1962), de Edgar Cavalheiro; *Minhas memórias dos Monteiro Lobato* (1964), de Nélson Palma Travassos, e *Monteiro Lobato*, de José Carlos Barbosa Moreira, na coleção Nossos Clássicos, v. 65.

*Marieta de Moraes Ferreira*

FONTES: ALMEIDA, A. *Dicionário*; BEHAR, E. *Vultos*; CAVALHEIRO, E. *Monteiro*; COELHO, J. *Dicionário*; CONG. BRAS. ESCRITORES. I; *Efemérides paulistas*; *Encic. Barsa*; ENTREV. FREIRE, V.; *Grande encic. Delta*; *Grandes personagens* (4); LEITE, A. *História*; *Novo dic. de história*; OLIVEIRA, C. *Biografias*; REIS, A. *Bibliografia bras.*; SOUSA, J. *Índice*; VÍTOR, M. *Batalha*; *Who's who in Latin*.